

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

AILTON GABRIEL SANTOS ROCHA

**A PRÁTICA EPISTOLAR DE DELMIRO GOUVEIA: ASPECTOS
HISTORIOGRÁFICOS, TEXTUAIS E LINGUÍSTICOS**

DELMIRO GOUVEIA-AL
2022

AILTON GABRIEL SANTOS ROCHA

**A PRÁTICA EPISTOLAR DE DELMIRO GOUVEIA: ASPECTOS
HISTORIOGRÁFICOS, TEXTUAIS E LINGUÍSTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito final para obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Trindade Matias

DELMIRO GOUVEIA-AL
2022

AILTON GABRIEL SANTOS ROCHA

**A PRÁTICA EPISTOLAR DE DELMIRO GOUVEIA: ASPECTOS
HISTORIOGRÁFICOS, TEXTUAIS E LINGÜÍSTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito final para obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa, elaborado pelo discente Ailton Gabriel Santos Rocha, sob a orientação do Prof. Dr. Thiago Trindade Matias.

Aprovado em 29 de agosto de 2022.

Documento assinado digitalmente
 THIAGO TRINDADE MATIAS
Data: 26/09/2022 22:13:29-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Thiago Trindade Matias (UFAL) – Orientador.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 FABIA PEREIRA DA SILVA
Data: 29/09/2022 12:14:05-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof.^a Dr.^a. Fábيا Pereira da Silva (UFAL) – Avaliadora Interna

Documento assinado digitalmente
 MARCIO FERREIRA DA SILVA
Data: 26/09/2022 22:28:07-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof.^a Dr. Márcio Ferreira da Silva (UFAL) – Avaliador Interno

Aos meus pais, com seu incansável esforço, permitiram que até aqui eu chegasse.

AGRADECIMENTOS

Acredito piamente que não estamos só e que sozinhos não alcançamos aquilo que almejamos. Acredito também que Deus, em sua infinita sabedoria e providência, coloca pessoas em nossas vidas, não por capricho ou boniteza, mas por motivos que só Ele bem sabe, e a nós cabe apenas o entendimento no tempo certo de cada coisa. E em cada tempo eu pude entender a razão de ter tantos, que aqui agradecerei, em minha vida. Ainda que eu usasse todas as letras não seria capaz de expressar o meu sentimento de gratidão a cada um. Por ser e por estar!

Não obstante, primeiramente a Deus, Àquele que durante todo o tempo me guiou e foi minha fortaleza. *Até aqui nos ajudou o Senhor (1Samuel 7, 12).*

Aos meus pais, *Ninha* e *Careca*, fonte de inspiração e maiores exemplos da minha vida. O esforço de vocês jamais será esquecido.

Ao meu irmão, Rafael, que com muito esforço, eu sei, conseguiu me dar a paz e tranquilidade necessária para a produção desta pesquisa.

Aos meus amigos: Camila, Edvaldo, Gleice, Herlanne, Jordana, Juliane, Maria Clara, Raquel e Sabrina que tão mais de perto puderam me ouvir, compreender as minhas dificuldades e fizeram questão de tomar para si um pouco da minha angústia perante os momentos de incertezas. Estamos aqui hoje depois de muitos empréstimos de notebooks, “roubos de wi-fi” e longas conversas terapêuticas. Sem vocês eu quase pude descobrir na prática como era a escrita acadêmica antes da invenção da internet e dos recursos digitais.

Aos amigos que a UFAL me apresentou, em especial, Breno, Flávia, Giovanna e Joel. Vocês foram essenciais em toda a minha trajetória. Nossos momentos compartilhados foram únicos e inesquecíveis.

Os meus amigos de turma, Geovane, Jefferson, Rafaela e Thayná. Os nossos encontros diários e a companhia de vocês, por muitas vezes foram combustíveis para o seguimento do meu caminho dentro da universidade.

Ao meu orientador, Prof. Thiago. Por todo suporte, tempo e dedicação investidos nessa pesquisa. Encontrei um orientador que me incentivou no trajeto de uma vertente de estudo que sou fascinado, as “coisas” que sofrem a ação do tempo.

Aos professores que compõem o curso de Letras da UFAL Sertão. Vocês são extremamente necessários, não só para a formação dos discentes que passam por vocês, mas para toda a nossa sociedade.

Ao meu lugar, meu lar, minha Delmiro Gouveia. Levo no peito o amor e orgulho de fazer parte do sertão alagoano.

Ao TLC e os meus que lá tenho e levo pra vida. Saibam que tem um pedacinho de cada um comigo. Amo vocês!

Ao PIBIC, pela oportunidade e por proporcionar o início desta pesquisa.

Por fim, à Universidade Federal de Alagoas, que mesmo sofrendo ataques segue de pé proporcionando o acesso ao ensino público e de qualidade a todos.

Obrigado!

*Meu coração
Ontem lhe esperei, e como você me disse que vinha aqui jantar comigo desejo saber
se vem ou se esqueceuse com o lindo sermão de São Francisco. Tenho estado
muito saudoso pois a 3 dias que não te vejo e ao mesmo tempo um pouco zangado
pois me parece que não te lembra mais de mim.
Responde pelo portador se sim ou não.
Sempre
Delmiro.*

RESUMO

Neste estudo, iniciado durante a pesquisa no PIBIC 2018 – Letras, intitulado “Formas tratamentais em cartas pessoais de Delmiro Gouveia”, que se configura como uma pesquisa bibliográfica, documental e qualitativa, buscou-se investigar as ocorrências pronominais nas missivas com o intuito de analisar as funções de escrita através de aspectos linguísticos-discursivos e ainda observar, a partir da materialidade linguística das cartas, elementos linguísticos caracterizadores dos pontos que constituem sua composição. Analisamos as missivas como documento sócio-histórico, fazendo um resgate histórico do gênero discursivo carta. A fim de atender aos objetivos propostos para esta pesquisa, no tocante ao procedimentos metodológicos, realizamos o levante bibliográfico e documental, o material pode ser coletado no Museu Regional Delmiro Gouveia, no município de Delmiro Gouveia e no anexo do livro Bibliografia anotada de Delmiro Gouveia, 1917 – 1994. Precedida do ensaio biográfico “Delmiro Gouveia, o precursor da CHESF”, de Moacir Medeiros de Sant’Ana, em continuidade iniciamos os processos de catalogação e transcrição conforme as normas de edição do PHPB (Projeto para a História do Português Brasileiro), auxiliando na análise dos dados coletados, na qual procuramos analisar os mecanismos de composição, circulação e transmissão dessas cartas e a relação do uso das formas tratamentais com o ato social de uso da escrita. De tal maneira, pudemos perceber que a forma da escrita do Delmiro Gouveia se adapta dependendo do seu interlocutor. No ato de se corresponder com cartas de interesses amorosos, o uso de pronomes como “você”, “lhe”, “te” e “ti” foram bastante recorrentes, enquanto nas correspondências de negócios, formas tratamentais mais polidas ressaltaram-se, o que nos leva a afirmar a existência de um “outro” Delmiro Gouveia mais afetivo, capaz de se distanciar da figura coronelesca que se configura a sua volta. Ao nos voltarmos para os resultados desta pesquisa, percebemos o quanto ela se mostra importante para a preservação/construção da história do português brasileiro e ainda na memória do sujeito Delmiro Gouveia e do patrimônio histórico-cultural da região do sertão alagoano, região que apresentou um considerável progresso graças aos empreendimentos do Delmiro. Para a escrita desta produção, foram utilizadas bases teóricas de Petrucci (2002), McKenzie (1997), Gomes&Lopes (2016), Mota (1967), Faraco (2005), dentre outros.

Palavras-chave: Delmiro Gouveia; Cartas; Pronomes; Linguística Histórica; Filologia.

ABSTRACT

In this study, derived from the PIBIC - Letras, entitled “Formas de tratamento em cartas pessoais de Delmiro Gouveia”, it is sought to investigate the pronominal occurrences in the missives in order to analyze the functions of writing through linguistic-discursive aspects and also to observe, from the linguistic materiality of the letters, linguistic elements that characterize the points that constitute their composition. In order to meet the objectives proposed by this research, regarding the methodological procedures, we carried out a bibliographic and documentary survey, in order to start the cataloging and transcription processes according to the editing standards of PHPB (Project for the History of Brazilian Portuguese), helping in the analysis of the collected data, in which, we tried to analyze the mechanisms of composition, circulation and transmission of these letters and the quantification of presence of pronouns. In such a way, we could see that the form of Delmiro Gouveia’s writing alternates depending on his interlocutor. In the act of corresponding with love interest letters, the use of pronouns such as “você”, “lhe”, “te” and “ti” were quite recurrent, while in business correspondence, more polite forms of address stood out, which leads us to affirm the existence of a “different” and more affective Delmiro Gouveia, capable of distancing himself from the coronelesque figure that is configured around him. When we turn to the results of this research, we realize how important it is for the preservation/construction of the history of Brazilian Portuguese and also in the memory of the subject Delmiro Gouveia and the historical-cultural heritage of the region of the Alagoas hinterland, a region that presented a considerable progress thanks to Delmiro’s endeavors. For the writing of this production, theoretical bases from Petrucci (2002), McKenzie (1997), Faraco (2005), among others, were used.

Keywords: Delmiro Gouveia; Letters; Pronouns; Historical Linguistic; Philology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Carta 02 (Início)	31
Figura 02 – Carta 02 (Final)	31
Figura 03 – Carta 01 transcrita	32
Figura 04 – Carta 01 (Início)	33
Figura 05 – Carta 07 transcrita	34
Figura 06 – Fragmento da carta 08 transcrita	34
Figura 07 – Carta 03 transcrita	39
Figura 08 – Carta 02 transcrita	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. LINGUÍSTICA HISTÓRICA, FILOGIA E O TEXTO: PROCESSOS HISTÓRICOS DE MUDANÇA	17
2.1 Mudança na língua	18
2.2 Estudos filológicos na linguística histórica	20
2.3 O texto como elemento histórico	22
3. PRÁTICA DA ESCRITA EPISTOGRÁFICA	24
3.1 O gênero discursivo carta	24
3.2 Carta pessoal: Características e estrutura	26
4. A PRÁTICA EPISTOLAR DE DELMIRO GOUVEIA: ASPECTOS HISTORIOGRÁFICOS, TEXTUAIS E LINGUÍSTICOS	29
4.1 O industrial Delmiro Augusto da Cruz Gouveia	29
4.2 A Sociologia do texto	30
4.3 Os aspectos linguísticos: Pronomes	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
6. REFERÊNCIAS	44
7. ANEXO	47

1. INTRODUÇÃO

O estudo das mudanças linguísticas, no eixo do tempo, é o centro da linguística histórica, área em que se centra este trabalho. A aspiração por pesquisar o português brasileiro (doravante PB), numa perspectiva histórica, vem gerando vários estudos que comprovam as mudanças linguísticas, textuais-discursivas e, ainda, como essas transformações se configuram em sua formação.

De forma genérica, entende-se a linguística histórica como o estudo das línguas humanas, observando as mudanças, nos níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semântico-lexicais, no decorrer do tempo. Em Mattos e Silva (2008), esse é o conceito para a chamada linguística histórica *stricto sensu* – “a que se debruça sobre o que muda e como muda nas línguas ao longo do tempo”¹. Partindo da definição *stricto sensu*, trabalhamos com a noção de linguística histórica sócio-histórica (considerando fatores extralinguísticos e/ou sociais). Sob essa mesma ótica, uma linguística histórica *stricto sensu* configura-se dependente da filologia. Compreendemos aqui a filologia como a ciência do texto. A investigação da origem e escrita dos textos, sua transmissão e consequentes transformações ocorridas em seu percurso. Também sua configuração material, conservação e as formas de edição.

Ao se tratar do estudo das mudanças linguísticas, é necessário ter em mente que as línguas humanas não correspondem a uma “realidade estática”, ou seja, mudanças ocorrem em seu formato estrutural com o passar do tempo. Entretanto, por mais que as línguas mudem, elas não perderão a sua funcionalidade, concedendo formas oportunas para que a interação linguística e textual-discursiva se concretize. A forma como o PB se configura hoje é o produto de uma longa linha evolutiva. Deparando-nos com essa linha, notamos que um constante e contínuo processo de ressignificação da língua acontece e, em vista disso, o português de séculos atrás é, em diversas dimensões diferente do atual, e pelo fato da mudança ocorrer de forma lenta, os falantes acabam por não ter consciência que sua língua está passando por este processo.

¹ A autora também apresenta uma linguística histórica *lato sensu*, que “trabalha com dados datados e localizados”.

Uma forma de perceber o fenômeno, é comparando textos de uma mesma língua, mas de épocas diferentes. Como bem pontua Faraco (2005), é válido ressaltar que a percepção das mudanças não se dá apenas na comparação dos textos afastados entre si no tempo, o que chamamos de *mudança em tempo real*, mas também, é possível perceber mudanças no tempo presente, a chamada *mudança em tempo aparente*.

Atrelado a esses estudos, esta pesquisa surge como continuidade da pesquisa e discussões do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), ciclo 2018-2019, na qual objetivamos investigar as ocorrências pronominais nas missivas com o intuito de analisar as funções de escrita através de aspectos linguísticos-discursivos, especificamente as formas pronominais (tratamentais) de segunda pessoa na função de sujeito, em cartas pessoais de Delmiro Augusto da Cruz Gouveia (1863-1917).

Diante disso, esta investigação, do ponto de vista dos objetivos específicos, se propõe a:

- I. Catalogar, descrever e editar as cartas pessoais coletadas;
- II. Analisar os mecanismos de composição, circulação e transmissão das cartas, assim como os sujeitos envolvidos nessa prática da cultura escrita;
- III. Reconstruir, a partir da memória presente na escrita das cartas pessoais, aspectos voltados à localidade e ao momento em que foram escritas;
- IV. Identificar e analisar as formas tratamentais presentes nas cartas do Delmiro.

Sendo uma das mais remotas produções discursivas, o gênero discursivo carta foi, durante muito tempo, uma das principais formas comunicativas do ser humano. Sua evolução está profundamente associada à evolução da sociedade que dela se utilizou para determinados fins no tecer da história. Sua escolha para esta pesquisa se dá por conta do seu caráter popular na história, por facilitar o reconhecimento de elementos linguísticos em mudança, uma vez que, os falantes só se dão conta da mudança quando “são expostos a textos muito antigos escritos em sua língua”. (FARACO, 2005) e ainda como reiteram Gomes & Lopes (2016), pela “[...] informalidade, pela diversidade temática, pela recorrência dos elementos constitutivos, pelo caráter diverso dos interlocutores, pela variedade dos propósitos comunicativos”.

Conforme mencionado anteriormente, o enunciador das cartas é Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, pioneiro na industrialização do país e que estimulou o progresso nos estados de Alagoas e Pernambuco. Partindo da consulta de suas cartas de cunho pessoal, parte do acervo, até então, do Museu Regional de Delmiro Gouveia, situado no município de Delmiro Gouveia – AL, emerge o desejo de se investigar outras “faces” do Delmiro Gouveia, objetivando observar, através de suas escritas epistolares, características que se distanciam da figura do grande coronel e empreendedor, uma vez que é possível encontrar traços de sensibilidade e afeto.

Por se tratar de cartas pessoais, é seguro afirmar que a subjetividade do indivíduo se faz presente. Observamos nesses manuscritos os usos linguísticos vigentes à época, com uma ótica especial nas formas tratamentais de segunda pessoa. O interesse pelo sujeito Delmiro Gouveia se justifica pela importância que o mesmo representa ao povo sertanejo e como é memorável a representação dele, no desenvolvimento e progresso frente à região do sertão alagoano

Este trabalho, quanto aos procedimentos metodológicos, é de natureza descritiva, a partir do momento que se utiliza de instrumento de coleta de dados e de uma análise documental e bibliográfica, predominantemente, de abordagem qualitativa. No tocante ao desenvolver do projeto, esta pesquisa foi dividida em etapas, a fim de atender aos objetivos investigativos e propostos.

A gênese da pesquisa deu-se com o levantamento bibliográfico. A coleta e estudo da base teórica que embasaram esta análise, a saber: Burke (1992), Levi (1992), Darnton (1992), Castillo Gomez (2003, 2015), Petrucci (2002), Bacellar (2008), Ginzburg (1989), Matias (2009, 2015), Le Goff (1996), McKenzie (1997), Tin (2005), Galvão&Gotlib (2000), Fraga (2005), Gomes&Lopes (2016), Faraco (2005), Mota (1967), Perini (2010), Bagno (2012), Neves (2011), Almeida (2009), Bechara (2010) e Azeredo (2011) serviram para fundamentar as teorias e temas propostos a essa pesquisa: História da cultura escrita; Estudo epistolográfico; Análise pronominal, Teoria da linguística histórica e os estudos biográficos de Delmiro Gouveia.

O segundo passo dessa pesquisa foi o levantamento documental para a coleta do corpus. De início, visitamos o museu regional Delmiro Gouveia, no município de Delmiro Gouveia - AL, no dia 13 de novembro de 2018, onde foi coletado um total de 6 cartas. Em consulta ao acervo bibliotecário da Biblioteca da UFAL Campus Sertão, no dia 10 de maio de 2018, foram encontradas mais 2 cartas publicadas no livro “Bibliografia anotada de Delmiro Gouveia, 1917 – 1994. Precedida do ensaio

biográfico “Delmiro Gouveia, o precursor da CHESF”, de Moacir Medeiros de Sant’Ana, totalizando assim um total de 8 cartas que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Passado o processo de coleta, continuamos com a catalogação e transcrição do material coletado, com o intuito de ilustrar, de modo geral, as informações necessárias sobre a procedência e tipo da documentação consultada. No tocante à catalogação², esta ocorreu de duas formas: uma catalogação simples, contendo o título e informações do documento, seguido de sua referência de localidade no acervo da fonte de origem, a fonte de origem, sua numeração sequencial no catálogo do acervo e por fim, a data da coleta. A segunda catalogação foi por meio de tabelas, que foram devidamente preenchidas com fonte/cota, referência, espécie/gênero, descrição/conteúdo e data/edição. Quanto às transcrições³, essas seguiram as normas de transcrição de documentos manuscritos e impressos do PHPB (Projeto para a História do Português Brasileiro) em edição semidiplomática⁴.

A fim de atender os objetivos do projeto, do ponto de vista da análise dos dados, dividimos essa etapa em dois momentos. No primeiro, analisamos aspectos da prática epistolar de Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, à luz da perspectiva da história da cultura escrita. Pensando a partir de Castillo Gomez (2003) e Petrucci (2002). No segundo momento da análise dos dados, o foco foi em aspectos linguísticos-gramaticais das cartas, partindo de uma pesquisa a 6 gramáticas, sendo 3 descritivas (gramáticas voltadas a observar e descrever os usos linguísticos) e 3 prescritivas (gramáticas voltadas a estabelecer um padrão na língua e definir normas que ditarão o que se pode considerar como aceitável ou não), a fim de saber o que dizem os teóricos sobre os pronomes e seus usos. As gramáticas descritivas consultadas, foram Perini (2010), Bagno (2012) e Neves (2011). Quanto às prescritivas, Almeida (2009), Bechara (2010) e Azeredo (2011) foram as analisadas.

Este trabalho organiza-se, além da Introdução, em mais três capítulos que alicerçados nas bases teóricas já mencionadas dão conta de atender os objetivos que foram propostos. No segundo capítulo, intitulado ***Linguística histórica, filologia e o***

² Todas as catalogações podem ser consultadas no anexo deste trabalho.

³ Todas as transcrições podem ser consultadas no anexo deste trabalho.

⁴ Normas de transcrições do ano de 2015. Disponível em:

<https://sites.google.com/site/corporaphpb/home/normas-de-edicao-do-phpb-2a-versao>

texto: processos históricos de mudança, discutimos o aporte teórico da base histórica desta pesquisa.

No terceiro capítulo, ***A Prática da Escrita Epistolográfica***, tratamos sobre o estudo do gênero discursivo carta e estrutura da carta pessoal. Já no quarto capítulo, denominado ***Delmiro Gouveia: aspectos historiográficos e linguísticos***, trazemos uma abordagem sobre as formas pronominais e suas ocorrências nas cartas pessoais de Delmiro Gouveia.

Este estudo pretende colaborar com a difusão da história do sujeito Delmiro Gouveia, compreendendo melhor suas relações sociais, além de dados relativos à sua vida pessoal, como também contribuir a escrever mais uma página da sócio-história do português brasileiro, partindo do instante em que nos debruçamos a investigar os usos de elementos linguísticos do PB em fases passadas de sua história.

2. LINGUÍSTICA HISTÓRICA, FILOLOGIA E O TEXTO: PROCESSOS HISTÓRICOS DE MUDANÇA

“A única coisa que temos de respeitar, porque ela nos une, é a língua.”
Franz Kafka

A ideia de língua, no decorrer de suas alterações e nos entremeios dos campos do saber que a delimita - dentre estes, a filosofia da linguagem, a linguística e o campo da gramática - vai apresentar diversas variações, principalmente no campo dos estudos da linguagem; podemos apontar os caminhos diversos que seguem a partir do estudo da própria língua como também os da linguagem, do discurso, da fala, e toda a gama de conceitos que cercam tal questão.

Para nossa investigação, utilizaremos os pressupostos de Mikhail Bakhtin, filósofo e pensador russo, que figura como um dos principais autores sobre a temática da língua, principalmente nesta tomada a partir de sua realidade e existência. É a partir dessa proposta que Bakhtin (2006) vai afirmar que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2006, p.127).

O autor vai apontar que a língua, como tal, é uma atividade essencialmente social, depende da interação entre os sujeitos e necessita de condições específicas de comunicação para que tome forma. Dessa forma, ele vai negar a ideia de que a língua é estática, e não muda com o decorrer do tempo, mostrando que, pelo contrário, esta está em constante movimento, do mesmo modo que os sujeitos que a constituem. No mesmo caminho, o autor vai negar o subjetivismo individualista, que coloca o indivíduo no centro dos estudos da língua e ignora os aspectos sociais, como se este não estivesse diretamente influenciado pelo meio que o circunda.

Sendo assim, o filósofo vai basear suas ideias na proposta de que a língua é constituída, principalmente, por meio da interação verbal e social, tendo, assim, seu modo de existência diretamente ligado à comunicação discursiva concreta, às questões sociais e expressões da subjetividade, como é o caso da arte, ciência, e seus derivados.

2.1 Mudança na língua

Segundo Faraco (2005), as mudanças linguísticas se dão por meio e por perspectivas diferenciadas. Podemos ter uma percepção da mudança linguística, quando o pesquisador se depara e analisa textos mais antigos, com falantes mais jovens ou ainda quando se tem acesso a pessoas com baixo acesso à cultura escrita. Percebemos tais formas como fatores importantes de compreensão da evolução da língua no decorrer do tempo, algo que é inerente a qualquer língua viva: o processo de mudança. Ainda é notório apreender que esse processo de transformação pelo qual passam as línguas do mundo não está apenas condicionado a elas, mas também aos textos, o que se leva a assegurar que da mesma forma que há uma história desses textos escritos em língua portuguesa. Por meio deles, é possível constatar como os sujeitos usavam/usam a língua para estabelecer interação, além de aspectos linguísticos, a pesquisa com textos de fases pretéritas da língua leva o pesquisador a encontrar características e costumes de uma época que favorecem/favoreceram o indivíduo no seu tempo e espaço na construção e ressignificação da cultura linguística.

Antes de dar prosseguimento a este escrito, faz-se necessário afirmar que existe uma diferença entre linguística histórica e história da linguística. Corroborando com Faraco (2005), fazer ciência em linguística histórica “é estudar as mudanças que ocorrem nas línguas humanas, à medida que o tempo passa”, adentrando as influências que atravessam as línguas, como cada mudança impactou no processo de estabelecimento de uma determinada língua e assim por diante. Por outro lado, quando se fala de história da linguística, verifica-se como as ideias linguísticas foram se consolidando no decorrer do tempo.

Mudanças no eixo do tempo significam que já não são mais encontradas (ou estão deixando-se de ocorrer) usos de formas ou palavras que até certo tempo atrás eram recorrentes em uma determinada língua, ou ainda, essas formas, aparecem nos tempos atuais com um novo conceito. Como exemplo, coloquemos em comparação, a fala de algumas pessoas mais idosas, de algumas regiões do Brasil, com a da população mais jovem. É perceptível uma diferença, e como um desses “falares” sobrevive apenas na geração mais velha, é possível já vislumbrar os indícios da mudança que acarretará em um “falar” se sobrepondo ao outro.

Frisa-se que qualquer divergência entre as falas de gerações distintas (ou de grupos socioeconômicos, também distintos) não indica necessariamente mudança, podendo existir o fenômeno da variação, uma vez que “nem toda variação implica mudança” (FARACO, 2005), mas que toda mudança passou pelo processo de variação. Partindo da concepção bakhtiniana de língua, a qual é vista como uma realidade heterogênea e uma ocorrência social do diálogo verbal realizado pelo enunciado (ou enunciados), desassociada de um sistema de formas e da percepção de uma consciência individual, vemos que as mudanças emergem do seu caráter heterogêneo (diferenças). Para se certificar de que existe mudança em andamento, o linguista deve situar sua pesquisa no *tempo real*, coletando dados de diferentes momentos da história (da língua) e comparar com os indícios do tempo presente.

A oposição entre as modalidades de língua escrita e falada, também serve como fator de observação de possíveis mudanças. De modo que a língua escrita tende a ser mais conservadora é possível comparar as duas modalidades e enxergar novas formas/ressignificações em avanço na fala que não aparecem na escrita, por esta apresentar um caráter mais inflexível. Uma das principais causas dessa inflexibilidade deve-se ao modelo de língua fragmentado em compêndios gramaticais, visto que, nesses modelos, existem regras que visam prescrever os usos linguísticos, taxando-os como certo ou errado, e por muitas vezes, essas novas formas derivadas do processo de mudança não serão consideradas válidas e irão tornar-se formas estigmatizadas. Essas formas são vistas como um modo de empobrecimento ou desgaste da língua por uma considerável parcela dos falantes (principalmente de grupos socioeconômicos mais elevados), considerando que os mesmos não enxergam outras variedades de língua e não compreendem que a mudança não atinge o “todo” da língua e esta continua com sua funcionalidade intacta.

É pertinente ressaltar que qualquer parte da língua pode mudar, seja em seus níveis fonéticos/fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos ou pragmático e que o processo de mudança é algo natural, que acontece de forma coerente e contínua, como o próprio ser humano e o espaço em que vivemos, nos âmbitos biológicos e geográficos mudam, a língua não é uma exceção. É um processo ininterrupto. Da mesma maneira que o português do século passado não é o mesmo português de hoje, o português do futuro será também distinto. A língua estará sempre nesse remodelar contínuo, lento e gradual.

Sendo lenta e gradual, a mudança não ocorrerá de forma súbita. Aos poucos se iniciam os processos de mudança atingindo partes da língua. Essas mudanças quase sempre passam por fases evolutivas, o que é característico do modelo gradual que esta segue, alcançando aos poucos a forma e, por vezes, dificultando até a percepção das mudanças por parte daqueles que vivenciam tal espaço-tempo. Existe o primeiro momento em que os elementos em mudança existem como variantes, depois um tempo em que um termo irá se sobressair ao outro até que um seja concretizado de forma hegemônica e o outro apagado.

Objetivamos estudar a língua, numa abordagem diacrônica (estudar a mutabilidade da língua no tempo), considerando tanto a história interna, os aspectos estruturais linguísticos, quanto a história externa dessa língua, isto é, como aspectos econômicos, históricos, políticos e culturais da “sociedade falante” interfere no processo de mudança. Nesse conjunto de relação entre o contexto estrutural e o contexto social, pesquisas se intencionam a analisar fenômenos linguísticos em um determinado tempo da narrativa histórica.

2.3 Estudos filológicos na linguística histórica

Nesse tópico, tencionamos colocar em destaque variáveis sociais para pesquisa e principalmente pontos de investigação no cenário brasileiro que entrelaçam a Filologia e a Linguística Histórica. Desse modo, contemplamos uma análise a partir da relação entre Filologia e Linguística Histórica sob a revisão de três estudos que, a um só tempo, articulam prática editorial conservadora (edição diplomática ou semidiplomática) e estudo linguístico (variação e/ou mudança). Por meio da ciência da Sociologia contemporânea, o estudo vai se fundando e abordando a perspectiva crítica em que se colocava em xeque a fidelidade das discussões na observância da aguçada leitura, os sentidos envolvidos nos matérias utilizados para a escrita.

Lose & Souza (2020) apontam a conceituação de Filologia e por Linguística Histórica, dentro de uma visão exemplificaria, na qual filologia se aplica à crítica textual, mas logo observa-se que esse conceito não deve ser considerado universal, já que são permeados pela história. Já em relação à Linguística Histórica, é interessante apontar para a abordagem de Mattos e Silva (2008), em seus Caminhos

para a Linguística Histórica, quando afirma que qualquer Linguística que discuta questões a partir de dados é necessariamente histórica, uma vez que o campo do saber não pode dispensar a historicidade dos dados (LOSE&SOUZA, 2020, p.13).

Compreende-se que Linguística Histórica se baseia em que tempo e historicidade está se passando a linguística, não devendo assim dispensar os traços e significações daquele tempo.

Filologia por Linguística Histórica também deve ser apreciada e analisada com criticidade, pois suas especificações, se consideradas pelo senso comum, perdem a conotação do que se chamam análises de fidedignidade. Em geral, esse movimento de análise é detalhado com novos olhares para o texto, o manuseio das ferramentas e não esquecendo de avaliar também problemas relativos à editoração da imagem e de retoques.

Disso tudo, o que mais chega a surpreender-nos é o fato de que muitas edições não apontam para as mãos que tecem o texto. A identificação dos *scriptores* (amanuenses, escribas etc.) pode ser determinante para pensarmos no problema da datação do texto, para a mudança de registro, para a compreensão do processo de produção e circulação de um texto (LOSE&SOUZA, 2020, p.15).

Lose&Souza (2020) tecem uma avaliação precisa, quando citam edições e a real análise das mãos que tecem o texto, sobre a identificação, a importância do registro, trazendo uma problematização quanto ao tempo histórico com que se passam as narrativas, principalmente, as tradições textuais românicas mediélicas ou modernas que um *scripto*. Na sua descrição, quanto à transmissão textual, variação e mudança linguística, são apresentados três estudos sobre a transmissão textual. O primeiro é a circulação dos textos de Gregório de Mattos, cuja tradição textual não possui nenhum texto autógrafo, o segundo, o livro de receita da Infanta Dona Maria e o terceiro, o Dietário do Mosteiro de São Bento da Bahia. Os estudos vêm com a prerrogativa de observações estreitas e detalhadas sobre cada uma delas, para que o pesquisador possa ser investigativo, atento e propício a considerar o que há nas entrelinhas.

A construção social e linguística da fonte: o texto como documento de língua, o autor enuncia um problema, traz-se para a discussão o que se entende por texto, documento e dados, apresentando-se para o pesquisador como forma de análises, mas valorizando o debate que a construção sócio-histórica deve ser levada em consideração.

2.4 O texto como elemento histórico

Partindo de uma reflexão sobre a transformação do processo filológico em técnica, Sacramento e Nascimento (2019) apontam os prejuízos que ocorrem devido à negligência em relação ao texto como um todo, pois este deve ser visto, também, como um artefato histórico, pensado junto de seu contexto e analisado a partir daí. Embora um texto escrito em 1900 deva ser lido criticamente nos dias atuais, é necessário levar em consideração os aspectos que perpassavam o autor no processo dessa escrita, pois o texto é, também, um registro histórico-cultural de uma época. Nesse ponto, o ideal é uma interlocução entre a área da filologia junto da linguística histórica, buscando, a partir dela, uma melhor compreensão do texto como um todo, e trazendo novas possibilidades de visão à luz.

Para que esta proposta seja incorporada na prática, é necessário explorar as diversas incongruências presentes nas áreas da filologia da linguística histórica, e, para que ambas possam conversar, faz-se necessário propor tensionamentos a cada uma delas individualmente e mediar seus desencontros, buscando, a partir disso, novos projetos teórico-metodológicos para uma prática conjunta e harmoniosa dos dois campos do saber.

Tomando como pressuposto o apontado por Mattos e Silva (2008), Sacramento e Nascimento (2019) descrevem a linguística histórica como uma forma de compreender o texto trazendo como base o contexto em que ele foi escrito, e trazendo como princípio a ideia de que não há linearidade e nem comparação possível entre determinados textos escritos em tempos distintos, pois diversos fatores influenciam nessa proposição. Ao trazer o debate da historicidade, determinam a pertinência de se compreender as linhas do social que atravessam o texto, já que este é sempre escrito por um sujeito resultante dos processos histórico-culturais nos quais se insere ativamente. Dessa forma, não há neutralidade possível, pois o texto se faz permeado por questões de sua época e deve ser analisado a partir das lentes desta.

Resgatando a filologia, esta trabalha com o texto a partir da sua produção, os aspectos que cercam o texto no processo de escrita. Também é necessário se atentar às questões materiais, como os instrumentos usados na escrita, se houve cópias, como estas foram confeccionadas, etc. Para a filologia, o escrito será produto de um determinado meio, produzido a partir do que se apresenta no contexto, o que deve, também, levar em consideração as questões sócio-históricas. Quando a análise é

“desistoricizada”, o texto perde importantes dimensões, que devem ser levadas em consideração para que o processo se constitua de forma a responder às complexidades presentes no escrito. A filologia deve se ater aos códigos linguísticos, à estrutura textual, mas deve, também, levar em conta os diversos outros fatores que impactam na formulação do que está escrito e podem ser objetos de análise.

É uma leitura denominada crítico-filológica, que vai levar em conta os aspectos histórico-culturais junto do que é analisado a partir dos códigos e métodos, não buscando uma totalidade na extração dos sentidos possíveis, mas se debruçando em outros pontos que, além de serem importantes, podem somar junto da filologia na construção de uma análise que venha a se propor social e historicamente comprometidas.

3. A PRÁTICA DA ESCRITA EPISTOLOGRÁFICA

*"Escrevemos porque não queremos morrer.
É esta a razão profunda do ato de escrever."*

José Saramago

3.1 O gênero discursivo carta

A construção da carta enquanto gênero traz consigo especificidades sociais e históricas que se mostram na organização e nas necessidades das pessoas em determinado espaço-tempo; é o que Matias (2009) vai apontar ao resgatar o posicionamento bakhtiniano e todoroviano que apontava os fatores extralinguísticos na base da produção dos gêneros discursivos, já que estes são socialmente influenciáveis. Dessa forma, se a organização social demanda que haja comunicação entre pessoas em diferentes lugares, formas para que esta aconteça são suscitadas, como no caso das cartas.

Possibilitando a comunicação entre duas ou mais pessoas e se caracterizando pelo caráter múltiplo e pessoal de sua composição, as cartas têm sua origem na antiguidade, onde a demanda de comunicação fez com que métodos fossem desenvolvidos, tendo alguns deles se estendido até a contemporaneidade, mesmo que de modo menos frequente. Na China, há milênios atrás, as cartas cumpriam papel de correio oficial, cumprindo o papel que, atualmente, é dedicado aos jornais e periódicos. Por meio das cartas, mensagens importantes e de cunho público e privado eram enviadas a todos os cantos do mundo, e seu acesso era restrito, principalmente, aos nobres que tinham acesso à leitura e à escrita.

A seletividade do acesso às cartas já no período inicial aponta para a dificuldade de acesso à informação pela grande massa, já que, neste ponto, até mesmo a disseminação do que era escrito dependia de mensageiros que, em sua grande parte, eram pessoas escravizadas que ficavam responsáveis de levar o escrito de um destinatário até seu remetente. Com essa organização, as cartas ficavam restritas às pessoas que possuíam poder, seja aquisitivo ou político.

Outro aspecto importante e característico da carta é sua periodicidade, por se tratar de um meio de comunicação que permitia uma determinada frequência de

comunicação, se constitui como importante ferramenta na expansão da informação, fazendo com que esta alcançasse outros horizontes; como nos aponta:

Por sua periodicidade, as cartas particulares tornaram-se noticiários eficientes. Seu espaço era usado para prestação de contas; denúncias de roubos, anúncios de casamento; local de divulgação de intrigas políticas entre grandes e pequenas cortes da Europa; demonstração de humor, leveza em textos narrativos como anedotas e epigramas; espelho de loucuras do século XVIII, por exemplo, as explícitas e delicadas cartas de Byron; os acontecimentos políticos e sociais ocorridos na Inglaterra e na França; publicação de nomeações honoríficas de condes; a intolerância por atrasos; a ira e a gravidez de Rainhas, até mesmo medo de morrer de fome durante guerras. Essas eram informações veiculadas às cartas privadas, isso comprova a importância desse gênero discursivo para a manutenção das relações sociais e linguageiras da época (MATIAS. 2009, p. 48).

Com o tempo, as cartas passaram a ocupar um lugar de sociabilidade, tornando-se sinônimo de notícias públicas; cartas eram enviadas a amigos, familiares, lidas em voz alta e funcionavam como se o remetente em questão estivesse ali. Não ter acesso às cartas se tornava sinal de exclusão. A importância das cartas era tamanha que os pais andavam com as cartas de seus filhos e as lia para quem perguntasse sobre sua situação, omitindo informações indiscretas. (MATIAS,2009).

As cartas também serviram como importante registro teórico de diversos autores, e atualmente muitas ainda são utilizadas, pesquisadas e servem de base para estudos, como é o caso da vasta correspondência entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess, que marca importantes pontos na construção da Psicanálise (FREUD, 2016). É neste ponto que a pertinência das cartas no decorrer dos séculos se mostra, principalmente a partir da democratização do acesso a elas, que permitiu que mais pessoas pudessem ter acesso à informação e à comunicação através de manuscritos que transitavam entre os indivíduos.

Ao adentrar na presença das cartas na contemporaneidade, podemos perceber que seu uso diminuiu, mas não se encontra totalmente em desuso. Houve alterações pontuais no conteúdo das cartas, na frequência de sua utilização, na sua finalidade e na forma de escrevê-las, mas o gênero textual continua a se perpetuar; Maior (2001), vai apontar que

Em relação à macroestrutura deste gênero, não houve mudanças tão patentes, mas o conteúdo desta diversificou-se bastante com a evolução dos meios de comunicação pelos quais é enviada. E há quem diga que a carta é um gênero

em desuso, se comparada ao telefonema e ao e-mail. No entanto, percebemos que a carta está cada vez mais presente nas práticas sociais, agora não mais, exclusivamente, como um meio de comunicação, mas como documentação e propaganda (MAIOR, 2001, p. 6).

3.2 Carta pessoal: características e estrutura

Nesse tópico trataremos do pressuposto da organização discursiva. Estrutura composicional da carta pessoal, apresentando a estrutura composicional da carta, fundamentos importantes e precisos nesse gênero discursivo, a saber, abertura do evento, corpo do texto, encerramento do evento e *post scriptum*.

Segundo Adam *apud* Silva (2002), o gênero carta se sustenta basicamente em três grandes etapas, a abertura do evento como espaço que há contato e conversação com o destinatário. O exórdio que é o corpo, a comunicação e o assunto principal da carta. E a conclusão, sendo o encerramento do contato. Cada um dos gêneros pode apresentar uma dinamicidade de comunicação, perfazendo a realização empírica, ou seja, a experiência vivida de quem comunica.

Assim, como bem explica Bakhtin (2003), os gêneros são formas de produção discursiva, refletindo as condições específicas e as finalidades. Destacamos que a noção que encerra o termo “estáveis” não deve ser traduzida por algo como estático, imutável.

Na abordagem cognitivista de Koch (2002), o conhecimento e processamento de um texto, permite se adequar em diversos pontos da vida social. como uma espécie de esquema textual, de caráter convencional.

Cartas pessoais, trata-se, certamente, de um fenômeno que deve ser iluminado no quadro das hipóteses de que temos aí a manifestação empírica, singularizada em cada evento comunicativo, de um saber social decorrente de um trabalho coletivo que se ancora cognitivamente em parâmetros de um modelo social das práticas comunicativas do gênero em exame. (KOCH, 2002, p.138)

Compreende-se a partir da reflexão acima, que as manifestações empíricas nos dão a visão de um dado momento, se torna comunicativo, mas que esse evento em um dado tempo, pode haver modificações na forma como se comunica, uma vez, que o assunto tratado na carta não é atemporal. Já que de modo geral o caráter sócio-histórico das práticas comunicativas não omite as mediações sociais que intervêm

permanentemente na maneira como os participantes representam os contextos de atividade.

Vejam-se, estrutura composicional da carta pessoal: etapas e sequências discursivas, abertura do evento, corpo da carta e encerramento. Segundo Silva (2002) “A rigor, as etapas de abertura e de encerramento, que emolduram a interação, acabam cumprindo o papel de indicar o momento quando se inicia e finda o corpo da carta”.

Ainda conforme Silva (2002), pode-se compreender que nesse tipo de gênero textual, dialógico e dialogal, pela organização e a disposição das etapas. “Ali a ausência do correspondente: a um só tempo, pelo diálogo escrito, o escrevente procura não só se fazer presente como também tornar presente o seu interlocutor.”

Como preposição e apresentação das etapas de uma carta, aplicam-se as seguintes atribuições; *na abertura do evento*, contextualiza, com topológica/geográfica e a época que está sendo produzido, dando continuidade com o exórdio, as sequências discursivas são apresentadas, e as saudações e vocativo. Nas solicitudes e a acusação do recebimento da carta, é um espaço para expressar votos de saúde e paz (o que pode chamar de sentimentos e apreços de saudade) além da finalidade de enviar a carta. *No corpo do texto*, define-se precisamente com o foro íntimo, nesse caso, é a parte mais extensa da carta. É o momento de maior interação e o escrevente tende a falar de si mesmo. *Encerramento do evento*, etapa na qual, o escrevente já comunica ao interlocutor que está se findando, permitindo tanto o espaço para dizer se precisa de uma resposta. E formaliza a despedida expressando sua afetividade. E deixando com clareza e formalidade a assinatura do escrevente. *Post scriptum*, (facultativo), é uma maneira voltar em algum assunto que não foi mencionado no corpo do texto.

Agora, passados das etapas e de suma características expressas nesse gênero, vale destacar sobre a expressão de informalidade nas cartas pessoais, pois “certamente, implica a atuação dos papéis comunicativo e social dos participantes, o relacionamento interpessoal, o espaço social em que se dão os eventos comunicativos” (SILVA, 2002). Diferindo, em ponto, o grau de relacionamento que se apresenta o escrevente com o interlocutor, dando-lhe a escrita descontraída, com afetividade e propriedade na comunicação, “mas não se pode perder de vista que é certo que há oscilações individuais, decorrentes do próprio estilo do escrevente (da personalidade, da condição emocional, etc.)”. Já em razão das cartas públicas exige-

se um outro protocolo: os textos são impressos, expediente em que se refletem um formalismo.

Quanto ao emprego, a funcionalidade e o objetivo com que se exige esse tipo de gênero, aplica-se sobre o pretexto de propriedades fundamentais articuladas para um funcionamento sociocomunicativo específico.

4. DELMIRO GOUVEIA: ASPECTOS HISTORIOGRÁFICOS E LINGUÍSTICOS

“As lendas hão de sempre viver, como raios de luz na treva amontoada do passado, mas a beleza delas não está em sua verdade, que é sempre pequena, está no esforço que a humanidade faz para assim reter alguns episódios de uma vida tão extensa que para abrangê-la não há memória possível.”

Joaquim Nabuco

4.1 O industrial Delmiro Augusto da Cruz Gouveia

Personagem ímpar para a história do Brasil na transição do século XIX para o XX, Delmiro Gouveia foi um comerciante e industrial que protagonizou o comércio e a política dos estados de Alagoas e Pernambuco, devido a seus empreendimentos dotados de inovação, ousadia e destemor, a ponto de desafiar o poderio inglês na região e cultivar inimigos na mesma medida do seu domínio e autoridade. Diversos foram seus ramos de negócios, de compra e exportação de pele até fundar a usina hidrelétrica de Angiquinho no lado alagoano da cachoeira de Paulo Afonso, primeira do Nordeste e segunda do Brasil. Tema de várias obras biográficas, poemas, filmes e peças de teatro, Delmiro Gouveia é um símbolo heroico nordestino devido a suas notáveis realizações, que contribuíram no desenvolvimento do sertão alagoano.

Com a intenção de conhecer ainda mais o sujeito histórico-social Delmiro Gouveia, buscou-se a partir de suas cartas uma investigação de outros “eus” do Delmiro Gouveia, rastreando características que vão além da figura do empreendedor, da figura e da marca do grande coronel.

Nascido em 1863, no Ceará, transfere-se em 1868 para Pernambuco após a morte de seu pai, mudando posteriormente para o Recife. Nos últimos anos da década de 1890, já detinha a posse do comércio de couro e inaugurando ainda o Mercado Modelo Coelho Cintra, mais conhecido como Mercado do Derby, onde incluía mercado, hotel, cassino, velódromo e parque de diversões.

Após disputas políticas com o governo pernambucano, o mercado do Derby é incendiado e Delmiro é obrigado a fugir para o sertão de Alagoas, Pedra (atual Delmiro Gouveia). Neste lugar, praticamente inabitável, Delmiro torna-se proprietário de uma fazenda e reestabelece o seu poderio e domínio no comércio de peles. Em Pedra, ele realiza seu feito mais notável, a inauguração, em 1913, da usina de Angiquinho, utilizando-se do potencial energético do lado alagoano da cachoeira de Paulo Afonso.

Com a usina em funcionamento, Delmiro inaugura no povoado a fábrica de produção de linhas de costura Agro-Fábrica Mercantil. A usina e a fábrica possibilitaram o vertiginoso progresso da localidade e, assim, Delmiro constitui o seu império, chegando a desafiar o domínio inglês na produção de linhas, durante a primeira guerra mundial. Com muitos inimigos, Delmiro Gouveia é assassinado em outubro de 1917, em um crime até hoje não solucionado.

4.2 A sociologia do texto

Como já mencionando anteriormente, esta análise foi dividida em duas partes, sendo a primeira, um estudo da escrita epistolar do Delmiro Gouveia, observando elementos da sociologia do texto, segundo McKenzie (1997), em relação à produção, à transmissão/circulação e à recepção das missivas.

No que se diz respeito à produção das cartas, ocupamo-nos em responder a questões, trazidas por Petrucci (2002), como: Onde? Local de origem da carta; Quando? Data de origem e o contexto histórico da época; O quê? Assunto da epístola; Como? Como foi escrita? Manuscrita? Impressa? Datilografada? Em que suporte? Jornal? Aspectos composicionais? (data, local, ano, vocativo, paragrafação, assinatura e etc.). Das 08 cartas coletadas, em um balanço geral, o local de origem das epístolas se divide entre os estados de Alagoas e Pernambuco, em um período de tempo, datado dos anos de 1900 a 1914, período que estende, pouco depois da inauguração do seu Mercado Modelo Coelho Cintra, também conhecido como Mercado do Derby em Recife - PE até quando se iniciam as atividades da Agro Fábrica Mercantil, fábrica de linhas que atendia toda a América Latina e, também, início da primeira guerra mundial. No tocante ao assunto das cartas, estas, em sua maioria (6), são correspondências de interesses afetivos, sendo as demais de cunho empreendedor e político.

Quanto à forma, a que tivemos acesso e como foram escritas, as cartas se alternam entre manuscritas, datilografadas e impressas. Em apenas algumas foram encontrados aspectos composicionais completos (contendo data, local, ano, vocativo, paragrafação e assinatura).

Recife 23 / 6 / 902
 Meu Coração
 Tenho de hontem po
 hafe recebido tuas do
 as cartas que me
 encerra de notificação
 por esta respeito a
 ambos Tu tenho por
 do bem de tudo por

Figura 01 – Carta 02 (Inicio)

mesmo pezas, eu tenho re
 ue de espaldas laudosos
 meus sentimentos, pois
 minhas cartas possuem
 estar em mãos de auto
 e de futuro me traxeram
 desportos, esta te tem q
 me a devolvi na primeira
 minha afeição indelével
 Beijo aqui a cada um
 peço o meu nome que
 eu tebe peço o meu nome
 Relvini

Figura 02 – Carta 02 (Final)

Em grande parte, foram encontradas as datas e os locais de origem. Em todas, o vocativo e a assinatura se fizeram presentes. Quanto à paragrafação, 4 eram de parágrafo único. Notamos também que quase todas, exceto a carta que foi publicada em um jornal e outra em um livro (possivelmente, cartas passíveis a edições de terceiros), não demonstraram um recuo de parágrafo, sendo escritas em texto corrido.

Dos processos de circulação/transmissão das missivas, conseguimos rastrear o modo como o destinatário obteve acesso à carta e à participação de terceiros nesse processo. Em um fragmento de carta (CARTA 1), Carta de Delmiro Gouveia a uma amada, questionando se esta não lembra mais dele, o Delmiro Gouveia pede que o destinatário lhe envie uma resposta pelo portador, a saber:

Meu coração || Ontem lhe esperei, e | como *você* me disse que | vinha aqui jantar co- |
migo desejo saber se vem | ou se esqueceu-se com | o lindo sermão de São Francisco. ||
Tenho estado muito saudosos | pois a 3 dias que não | te vejo e ao mesmo tempo um |
pouco zangado pois me parece | que não te lembra mais de mim || Responde pelo
portador se sim | ou não. || Sempre || [Delmiro].

Figura 3 – Carta 1 transcrita.

O que comprova a participação de um terceiro indivíduo na circulação da carta. No que diz respeito ao acesso do destinatário das cartas coletadas, percebe-se que ou seriam enviadas via portador, sujeito responsável pela circulação do escrito ou via jornal, como grande responsável, no século XIX e XX, de acesso da população à cultura escrita. Dependendo do tipo e/ou do conteúdo da carta, poderia haver mudança no suporte o que interferia no processo de circulação/transmissão, como se sucedeu com as cartas amorosas e as publicadas em jornal.

Já aos aspectos de recepção, O que nos leva a responder à pergunta **A Quem?** Como afirmado anteriormente, a maioria das cartas eram de interesse afetivo, todas destinadas a mulheres, exemplificadas pelos vocativos presentes nessas missivas, “*Minha Eulina*”, “*Minha Boa Eulina*” “*Cara Amiguinha*”, “*Cara e boa amiguinha*”, “*Meu Coração*”. Ainda observamos elementos recorrentes nos vocativos: a presença de possessivos de primeira pessoa e o uso do diminutivo, o que neste momento demarca uma afetividade/intimidade entre o enunciador e o interlocutor.

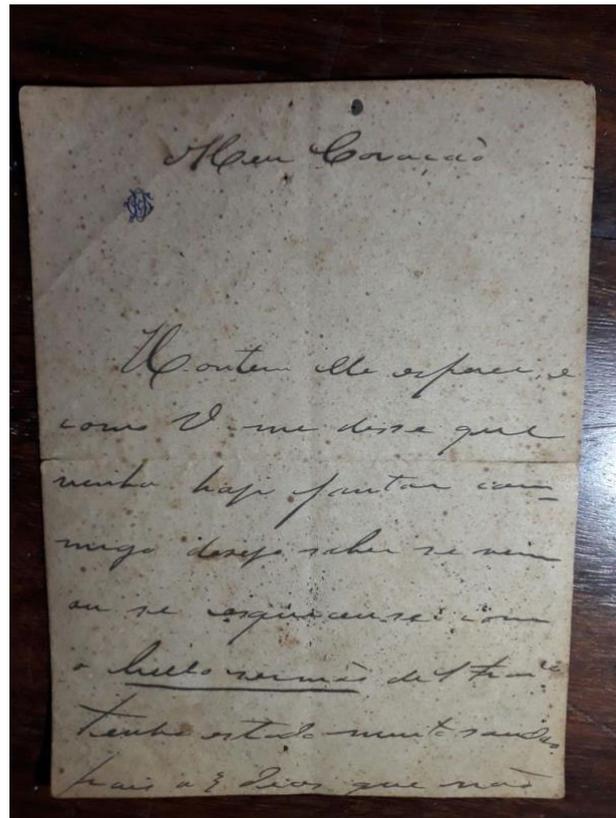


Figura 04 – Carta 01 (Inicio)

Dentre as mulheres a quem Delmiro direcionou suas missivas, está Carmela Eulina do Amaral Gusmão, sua segunda esposa. Entretanto, não se pode afirmar que as correspondências endereçadas a “Cara e boa amiguinha” e “Cara Amiguinha” fossem para Eulina. No entanto, estes fragmentos correspondem às cartas 4 e 5, sendo a carta 5 datada do ano de 1902, ano em que Delmiro Gouveia rapta e se casa com a jovem Eulina.

As demais correspondências são endereçadas a homens de altos cargos, governador e secretário de estado, onde, em uma Delmiro Gouveia entra em contato com o governador do estado pedindo ressarcimento do valor investido na construção de uma estrada, e a outra endereçada ao secretário de interior de Maceió e entregue por um portador.

Illmo. Snr. Coronel Clodoaldo da Fonseca, digno Governador do Estado de Alagoas. || Delmiro Gouveia, tendo feito a estrada para automóveis dos limites | do Estado da Bahia até Sant'Anna do Ipanema, de conformidade com os | telegramas trocados com V. Excia. e publicados no "Diario Offici- | al" de 31 de Março e 1,4 e 5 de Abril do anno corrente, cujo trecho | de caminho foi percorrido em auto em companhia de vossos dignos | auxiliares Dr. Ignacio Uchôa de A. Sarmiento, secretario da Agricul- | tura e Engenheiro José Antonio Marques, fazendo este percurso com a | media de 7 leguas por hora, requer a V. Excia. o pagamento do auxi- | lio de Rs. 10.000\$000 (dez contos de réis) a que se julga com di- | reito. || P. deferimento || Maceió 19 de junho de || 1914 || [Delmiro Gouveia]

Figura 05 – Carta 7 transcrita

Illm: Exm: Dr. JOAO de AQUINO RIBEIRO || Mui digno Secretario do Interior || Maceio´ || Cumprimento-vos.|| Chego neste momento dos meus labores, nos quaes estive empe- | nhado na Cachoeira durante toda esta semana; e, como quero despachar com | urgência o portador, deixo de ser minucioso, apenas vos narrando ligei- | ramente o que me demove a esta. || Para que não vos faça confusão de que, estando eu ausente, re- | cebais telegramas meus passados daqui, vos explico que comunicamos | da Cachoeira para o nosso escriptorio por meio do telefone da nossa | linha particular. || Succintamente descrevo o occorrido: || Chegando o Tenente Andrade a Agua Branca, passei-lhe o tele- | gramma seguinte: --"Motivos imperiosos impossibilitam-se visitar-vos | "pessoalmente; faço-o por meio deste pondo meus préstimos á vossa | "disposição, " - e, no outro dia, tive em nossa casa a visita desse |

Figura 06- Fragmento da carta 8 transcrita

4.3 Os aspectos linguísticos: Pronomes

A fim de investigar as formas tratamentais nas cartas de Delmiro Gouveia, a segunda parte desta análise iniciou com uma consulta a determinadas gramáticas, com o intuito de compreender o que determinam esses compêndios quanto à forma e ao uso dos pronomes. Foram consultadas 6 gramáticas do Português Brasileiro, três descritivas e três prescritivas. No tocante ao conceito de “pronomes”, observamos que houve uma concordância entre os gramáticos ao afirmarem que os pronomes são termos linguísticos utilizados para referenciar e/ou substituir um nome (substantivo) que fora usado anteriormente. Dentre os tipos de pronomes, há os denominados pronomes de tratamento, além deles há determinados elementos linguísticos que (ou outras categorias de pronomes) que assumem um papel de garantir a relação entre os interlocutores, como as chamadas formas tratamentais.

Para Perine (2010), “Pronomes pessoais são os itens *eu, você, tu, ele (ela), nós, vocês, eles (elas)*, além de *se*.” Bagno (2012) afirma que os pronomes é a função que palavras de diferentes *classes* podem exercer: a função anafórica, isto é, de retomada/substituição de algum elemento anteriormente mencionado.” Já para Neves (2011), são “termos da língua que têm a função particular de fazer referência, sem, entretanto, nomear, ou denominar como os substantivos.”

Quanto aos teóricos de gramática prescritiva, Almeida (2009) vai dizer que “A quinta classe compreende os **pronomes** (lat. *pro* = em lugar de), ou seja, palavras que substituem ou podem substituir um nome, um substantivo: *ele, que, quem*.” Bechara (2010) traz os pronomes como a classe de palavra a que se refere um significado léxico indicado pela situação ou por outras palavras do contexto. De modo geral, essa referência é feita a um objeto do substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso.” E finalizando com Azeredo (2011), no qual temos a definição de pronome como a “propriedade que tem a linguagem de permitir que o enunciador se refira a si próprio e aos personagens do ato comunicativo, não como indivíduos, mas apenas como participantes do discurso”.

Ainda nos atendo ao que conceituam os gramáticos sobre os pronomes tratamentais e possessivos, temos: Perini (2010) “as palavras *meu, seu e nosso* são chamados possessivos, tirando esse nome de seu significado mais típico. Mas elas são capazes de veicular outros papéis temáticos além do Possuidor.” Bagno (2012) “Aos índices pessoais também estão vinculados os indicadores de posse, mais conhecidos como possessivos.” Neves (2011) traz:

Um tipo de referência pessoal é a que é feita pelos elementos tradicionalmente chamados possessivos. Assim, se alguém diz *MEU* livro, está relacionando duas pessoas: a pessoa que fala (1ª pessoa) e o livro (3ª pessoa). Em *TEU* livro, por sua vez, as pessoas relacionadas são a 2ª e a 3ª, e assim por diante. Isso significa que, quando se usa um possessivo como determinante do nome, há sempre uma 3ª pessoa (representada por um nome, ou substantivo) posta em relação com outra pessoa, que pode ser a 1ª, a 2ª ou a 3ª, sendo essa diferenciação marcada pela própria forma do possessivo. (NEVES, 2011, p.471)

Quanto a Almeida (2009):

“Chamam-se *pronomes de tratamento* as palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical” [...] “Possessivo: Assim se denomina a palavra que traz ideia de posse, indicando a pessoa a que pertence uma coisa. [...] Da definição de possessivo facilmente se deduz que tais palavras

têm, na frase, duplo papel: um de indicar a *coisa possuída*, outro de indicar a *pessoa gramatical possuidora*.” (ALMEIDA, 2009, p.172 - 179).

Bechara (2010) diz:

[...] formas substantivas de tratamento indireto de 2.^a pessoa que levam o verbo para a 3.^a pessoa. São as chamadas formas substantivas de tratamento ou formas pronominais de tratamento” [...] Pronomes possessivos são os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso”. (BECHARA, 2010, p. 133 - 134).

E Azeredo (2011):

“Os pronomes ditos possessivos expressam um vínculo qualquer, constante ou eventual, entre o objeto ou assunto de que se fala e cada uma das pessoas do discurso. Os pronomes possessivos se flexionam em gênero e número, concordando com o substantivo (a ‘coisa possuída’) que determinam, com exceção das formas *dele, dela, deles, delas* e de *vocês*, que concordam com o possuidor. [...] Uma pessoa pode dirigir-se a seu interlocutor de diversas maneiras segundo a imagem que faz da relação social ou afetiva que os liga no momento em que acontece a interação (cf. 3.4): *você, tu, vós, o senhor/a senhora; prezado cliente, caro colega, companheiro, doutor, senhores, gente, galera*. Estas expressões são formas de tratamento. Com elas o enunciador geralmente fornece a primeira pista do registro de linguagem em que pretende se situar. (AZEREDO, 2011, p. 176 - 264).

Partindo do estudo das gramáticas e da perspectiva de mudança linguística, pelo viés da variação, conforme apresenta Faraco (2005), realizamos um mapeamento nas cartas, observando quais são as formas tratamentais que o Delmiro Gouveia utilizou para se referir aos seus interlocutores, seja nas cartas de amor, sejam nas cartas de negócios. Entre os recursos que buscamos analisar, estão as formas tratamentais e as formas verbais que se veiculam ao interlocutor. Em linhas gerais, buscamos investigar os usos do “tu” e “você”, ou outras formas mais “arcaicas” da segunda e/ou terceira pessoas do singular, na função sujeito.

Quanto ao uso das formas tratamentais, na função sujeito, houve apenas 5 ocorrências, duas ocorrências de “tu” e três de “você”, a saber:

- (1) ...*dizerte porém como tu mesmo previas...* (CARTA 2)
- (2) ...*minhas cartas podem cair em mãos de outros, e de futuro me trazerem desgostos, esta tu tens que me devolver na primeira oportunidade.* (CARTA 2)
- (3) *Ontem lhe esperei, e como você me disse que vinha aqui jantar comigo...*
(CARTA 1)
- (4) *Vi a carta que escreveu a sua mãe, você não tem razão de se molestar tanto...*
(CARTA 3)

(5) ...porém por tão pouco **você** diz não poder mais nem olhar para mim...
(CARTA 3)

Quanto ao tipo de carta, verificamos, nas cartas amorosas, uma predominância das formas tratamentais “tu” e “você” e de seus paradigmas, demarcando um tom de intimidade e emotividade. Já nas cartas de negócios, identificamos formas tratamentais (sem a função sujeito), mas formais do paradigma de segunda pessoa, como “V. ex.^a”, “vossa” e “vos”, demarcando um uso mais formal, como se verifica na adoção de pronomes de tratamento clássicos.

Essa diferença nos usos se justifica, conforme afirma Gomes & Lopes (2016), por “em termos amplos, o parâmetro do poder refere-se ao controle que umas pessoas exercem sobre outras em uma determinada situação interativa, o que pode desembocar em uma assimetria tratamental”.

Observando a Carta 1, vide abaixo, temos:

*Meu coração || Ontem **lhe** esperei, e | como **você** me disse que | vinha aqui jantar co-
| migo desejo saber se **vem** | ou **se esqueceuse** com | o lindo sermão de São
Francisco. || Tenho estado muito saudosos | pois a 3 dias que não | **te** vejo e ao mesmo
tempo um | pouco zangado pois me parece | que não **te** lembra mais de mim ||
Responde pelo portador se sim | ou não. || Sempre || [Delmiro].*

Há uma uniformidade no que concerne ao uso da pessoa tratamental. Ora ele se refere à amada na segunda pessoa, ocorrência do clítico “te”, ora ele se refere em terceira pessoa, ocorrência do clítico “lhe”, na função de acusativo e a forma “você” na função de sujeito.

No que concerne à Carta 2, observamos:

*Recife, 23/6/902 || Meu coração || Tenho de ontem para | hoje recebido **tuas** du- | as
cartinhas que me | enchem de satisfação | por estar respondendo a ambas. Eu tenho
passa- | do bem de saúde porém | muito preocupado, em | pensar que **estás** expos-
ta a um tão grande | perigo, como o que su- | cedeu a **teu** irmão. || A prova de que não
es- | queço me de **ti** um | só momento é que to- | das as vezes que posso | passo por
ahi afim | de ao menos de longe | poder verte, pois em- | bora traga no | coração a **tua**
imagem para o | consolar preciso embora | de longe devisarte, está | muito*

*ligeiramente dito | algumas palavras amoro- | sas esta está muito lon- | ge do que sinto e do que | dizerte porém como **tu** | mesmo previas, eu tenho re- | ceio de expandir todos os | meus sentimentos, pois | minhas cartas podem | cair em mãos de outros, | e de futuro me trazerem | desgostos, esta **tu** tens que | me devolver na pri- | meira oportunidade. || Beija aqui aonde eu || ponho o meu nome que || eu tenho feito o mesmo. **Teu** || [Delmiro]*

Há uma recorrência nas marcas de segunda pessoa. Isso se verifica pelo uso de marcas do paradigma de segunda pessoa, a saber, possessivos (*tuas, teu*) e dos clíticos (*te, ti*), seja na função de acusativo ou dativo. Verifica-se também o uso da marca de sujeito de segunda pessoa, nas ocorrências: “*tu mesmo previas*” e “*tu tens que devolver*”.

Quanto à Epístola 3:

*Minha boa Eulina || Vi a carta que escreveu a **sua** mãe, **você** não tem razão de | **se** molestar tanto o que eu disse em minha carta só é | para o **seu** bem, e fui franco pelo desejo que tenho em | **lhe** ver feliz, porém por tão pouco **você** diz não poder | mais nem olhar para mim, quer fazer – paciência, porém | eu sempre olharei por **você** e farei tuito pela **sua** | felicidade. || **Seu** amigo sinceramente || [Delmiro] [ilegível.] 4\902*

Nesta carta, há uma maior ocorrência de marcas em terceira pessoa. Constatase isso por meio do uso do paradigma de terceira pessoa, seja pelo uso de possessivos (*sua, seu*) seja pelo uso de clíticos (*lhe, se*). Mas também constata-se pelo uso de *você* na função de sujeito, como no caso “*você não tem razão*”, “*você diz não poder*”.

Na carta 4, verifica-se apenas duas marcas de terceira pessoa, o possessivo “*suas*” e o clítico “*lhe*”. Quanto à carta 5, verifica-se apenas uma marca de terceira pessoa, o clítico “*lhe*”.

Carta 4:

*Cara e boa amiguinha || Desejo saber se vem hoje jantar comigo, queira | dar-me **suas** notícias e que sejam alegres. || Deseja-**lhe** o amigo || [Delmiro Gouveia]*

Carta 5:

*Cara Amiguinha || Envio-lhe estas fl - | ores para servirem de orna - | mento a festa de outra flor, | e como lembrança do amigo | que só **lhe** deseja felici - | dades || [Delmiro Gouveia] || 15/04/902*

Na carta 6 temos:

*Minha Eulina || **Manda** me dizer se vem, estou com muitas saudades, | se **vieres** como desejo **manda** me dizer a hora e **vem** | com **sua** ternura e não com **meninice**. || Lembrança || [Delmiro]*

Há uma predominância de paradigma de segunda pessoa, como se contata nas formas verbais no imperativo: *manda* e *vem*; e na forma verbal *vieres* (futuro do subjuntivo). Há apenas uma marca de paradigma de terceira pessoa, o uso do possessivo *sua*. Aqui destacamos o final da carta (*vem | com sua ternura e não com meninice.*), o termo *meninice* aparenta alguma atitude infantil no passado tida pela receptora da carta, algo que foi de desgosto para o Delmiro Gouveia.

Nas cartas 7 e 8, tidas como cartas de negócios, A relação com o interlocutor se dá, prioritariamente, por meio de pronomes de tratamentos clássicos e por meio do possessivo *vosso*. Verifica-se também uma recorrência no uso da segunda pessoa do plural. Interessante notar que na Carta 8, por se ter um caráter oficial, a carta vem formatada com saudação e paragrafação formal.

De modo geral, embora tenhamos encontrado pouca ocorrência de “tu” e “você”, na função sujeito, mesmo assim, houve uma frequência maior no uso do “você”, o que pode nos levar a relacionar com outros estudos sobre as formas tratamentais no português brasileiro, que comprovam uma maior incidência de seu uso. Outro fator que poderia justificar tal recorrência seria uso de verbos em terceira pessoa, isto é, formas verbais que correspondem ao paradigma de você.

A forma você, advinda do processo de gramaticalização de Vossa Mercê, século 15 [...] assumiu, na passagem do século 19 ao 20, um comportamento híbrido, ora guardando o caráter cerimonioso da forma originária, ora assumindo um caráter mais informal em variação com o tu-íntimo (GOMES&LOPES, 2016, p.138).

Nos fragmentos das cartas 2 e 3 temos: “*Teu Delmiro*” e “*Seu amigo sinceramente, Delmiro*”, como pode-se ver abaixo, o que mais uma vez demarcaria uma intimidade entre os correspondentes.

Minha boa Eulina || Vi a carta que escreveu a sua mãe, você não tem razão de | se
molestar tanto o que eu disse em minha carta só é | para o seu bem, e fui franco pelo
desejo que tenho em | lhe ver feliz, porém por tão pouco você diz não poder | mais nem
olhar para mim, quer fazer – paciência, porém | eu sempre olharei por você e farei tuito
pela sua | felicidade. || Seu amigo sinceramente || [Delmiro] [ilegível.] 4\902

Figura 07 – Carta 3 transcrita

Recife, 23/6/902 || Meu coração || Tenho de hontem para | hoje recebido tuas du- | as
cartinhas que me | encham de satisfação | por estar respondendo a ambas. Eu tenho
passa- | do bem de saúde porém | muito preocupado, em | pensar que estás expos- | ta a
um tão grande | perigo, como o que su- | cedeu a teu irmão. || A prova de que não es- |
queço me de ti um | só momento é que to- | das as vezes que posso | passo por ahi afim |
de ao menos de longe | poder verte, pois em- | bora traga no | coração a tua imagem para
o | consolar preciso embora | de longe devisarte, está | muito ligeiramente dito | algumas
palavras amoro- | sas esta está muito lon- | ge do que sinto e do que | dizerte porém
como tu | mesmo previas, eu tenho re- | ceio de expandir todos os | meus sentimentos,
pois | minhas cartas podem | cair em mãos de outros, | e de futuro me trazerem |
desgostos, esta tu tens que | me devolver na pri- | meira oportunidade. || Beija aqui
aonde eu || ponho o meu nome que || eu tenho feito o mesmo. Teu || [Delmiro]

Figura 08 – Carta 2 transcrita

Os verbos e pronomes que aparecem nas cartas de amor são os mesmos utilizados nas cartas de negócio? Podemos observar que não. A escrita (e o uso pronominal e verbal) é diferente. Nas cartas de interesses afetivos, percebemos pronomes mais usuais e menos polidos, como o “você” e o possessivo “sua”. Já nas cartas de negócios, é bastante recorrente o uso do “vos” o que indicaria a “existência” de um Delmiro Gouveia que se afasta da visão do coronel rígido que popularmente é formada.

Dos fatores que condicionam a diferença da escrita entre os dois tipos de cartas, podemos indicar a Teoria da Polidez, uma vez que, serve para “mascarar” os

termos, já que o emissor encontra maneiras para suavizar o seu dizer. Como por exemplo o uso do “você”, que é mais suave, enquanto o “tu” é mais incisivo, conforme:

[...] durante uma interação, os interlocutores fazem uso de estratégias de polidez, por exemplo, as formas tratamentais, para manter preservada a própria face e a do outro. Tais recursos funcionam como formas mitigadoras dos atos de fala que por si só são considerados ameaçadores à face do interlocutor. Os autores fazem uma distinção entre face positiva (face) e face negativa (território). A ideia elementar é a de que a interação é o lugar do conflito e as estratégias de polidez são recursos para evitá-lo. Assim é preciso lidar com a preservação pessoal e o modo como se é visto socialmente. (GOMES&LOPES, 2016, p.139).

Outros elementos a serem levados em consideração, no tocante à diferenciação das escritas são a historicidade do texto e o tipo de interlocutor a quem se destina a carta, uma vez que as finalidades das cartas, de acordo com seu interlocutor, são diferentes, a escrita tende também a divergir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos analisar as formas tratamentais em cartas pessoais do industrial Delmiro Gouveia, objetivando reconhecer elementos linguísticos presentes na composição das missivas. Propomo-nos a investigar, em linhas gerais, os aspectos composicionais, a circulação e transmissão dessas cartas e observar, por meio das formas tratamentais, a forma como o enunciador interagia com os seus interlocutores.

Procuramos destacar a importância dos estudos históricos na busca de documentação remanescente do passado, uma vez que para o estudo, o passado precisa ser recriado através das fontes históricas, possibilitando-nos, assim, observar a trajetória da humanidade através do tempo.

Tendo consciência de que precisamos de fontes históricas para estudar o passado e compreender como o “desenrolar” dos fatos, aqui pudemos atestar o quanto os documentos agem como a memória da língua. A sua capacidade de resguardar traços e marcas históricas nos permitiram acessar informações que possibilitaram a realização desta pesquisa.

Como objeto de pesquisa e aqui exemplo de documento que preserva a memória, utilizamos de cartas. Gênero discursivo secular que atende a vários propósitos comunicativos. Por séculos, a carta foi o principal meio de comunicação a distância, e conforme Tim (2005), “a carta tornava presentes os ausentes”.

As cartas de Delmiro Gouveia, datadas com mais de cem anos, também se configuram como um documento histórico. Por meio delas estudamos um fragmento da história da língua e dos textos.

Aqui pudemos observar os aspectos de composição das cartas, seus processos de circulação e recepção. Observando a recorrência pronominal, vimos que a forma como os pronomes são usados determina o nível de intimidade que o Delmiro tinha com seus interlocutores. Nas ditas cartas de amor, observamos a recorrência de palavras no diminutivo e o uso de possessivos, aspectos que tendem a aproximar (e demonstram a relação afetiva) os interlocutores. Nas cartas de negócios, notamos a ocorrência recorrente do uso de pronomes de tratamentos clássicos (*Illmo. Snr. Coronel Clodoaldo da Fonseca, V. Excia.*), todos endereçados para pessoas com cargos de alto escalão.

Por meio de um estudo aprofundado pudemos mapear as cartas e perceber a existência de um “outro” Delmiro Gouveia, escondido pela “máscara” de coronel, um Delmiro Gouveia com um lado mais afetivo e ainda confirmar que o assunto da carta e para quem se escreve são fatores que contribuem para a diferenciação de escritas do Delmiro Gouveia.

Esta pesquisa se mostrou verdadeiramente importante, pois através dela conseguimos ratificar outros pontos que colaboram para a história da formação do português brasileiro, como a mudança linguística, uma vez que só podemos perceber as mudanças nos usos da língua quando nos deparamos com fontes documentais escritas antigas. Ainda contribui, trazendo visibilidade, para a preservação da memória e história do Delmiro Gouveia e da região do sertão alagoano.

Por fim, não damos esta pesquisa por encerrada, uma vez que ainda as possibilidades a serem analisadas não chegaram ao fim e o tema pode ser traçado em outras linhas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas. **Estética da criação verbal**. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideias para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas; n. 5, p. 93-124, janeiro/junho 2003.
- _____. La gente común también escribe: cartas, memorias, apuntes y cuentas. **Andalucía en la historia**, Sevilla; n. 48, p. 48-53, abril/junho 2015.
- DARNTON, Robert. História da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.
- FRAGA, Rose Mary. O envolvimento na linguagem jornalística do século XIX: cartas de leitores. In: PESSOA, Marlos de Barros (Org.). **Língua, textos e história: manuscritos e impressos na história do português brasileiro**. Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005.
- FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. Obras incompletas de Sigmund Freud. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. – São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GOMES, Valéria Severina; LOPES, Célia Regina dos Santos. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. In: **RELIN**, v. 24, n. 1, 2016.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LE GOFF, Jaques. Memória. In: **História e Memória**. 4ª ed. Campinas: Unicamp, 1990.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

LONGHIN, Sanderléia Roberta. **Tradições discursivas: conceito, história e aquisição**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

LOSE, Alícia Duhá; Sacramento, Arivaldo. Para uma filologia na pesquisa em linguística histórica. In: **Letras**, Santa Maria, v.30, n.60, p. 11-31, jan./jun. 2020.

MAIOR, Ana Christina Souto. O Gênero Carta – variedade, uso e estrutura. In: **Ao pé da letra**, 3.2:1-13, 2001.

MARCOTULIO, L. L. et al. **Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018.

MATIAS, Thiago Trindade. **A orientação para o outro: relações dialógicas na constituição do discurso escrito de cartas de leitor do século XIX**. 2009. 153f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

_____. **Cultura escrita e instrução pública primária no Pernambuco imperial (1837-1889)**. 2015. 465f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da linguística histórica no Brasil. **DELTA**, São Paulo: n. 4, p. 85-114, 1988.

MCKENZIE, Don F. A sociologia de um texto: cultura oral, alfabetização e imprensa nos primórdios da Nova Zelândia. In: BURKER, Peter; PORTER, Roy (Orgs.). **História social da linguagem**. Traduzido por Álvaro Hattner. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

MOTA, Mauro. **Quem foi Delmiro Gouveia?**. São Paulo: Gráfica Carioca, 1967.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PETRUCCI, Armando. **La ciencia de la escritura**: primera lección de paleografía. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2002.

SACRAMENTO, Arivaldo; Nascimento, Hérvickton Israel. Entre a filologia e a linguística histórica: o texto como artefato histórico. In: **Macabéa** revista eletrônica do Netllu, volume 8, Número 2, Jul – Dez, 2019.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. 2002. 209f. Tese (Doutorado em linguística). - Programa de Pós-graduação em Letras – Estudos Lingüísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TIN, Emerson (Org.). **A arte de escrever cartas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

ANEXO I

TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Título: CARTA 1

Modalidade: Língua Escrita

Tipo de texto: Carta

Data do documento: *Não consta*

Local de origem do documento: *Não consta*

Local de depósito do documento: Museu Regional Delmiro Gouveia - AL

Identificação do autor: Delmiro Augusto da Cruz Gouveia

Editor do documento: Ailton Gabriel Santos Rocha

Meu coração || Ontem lhe esperei, e | como você me disse que | vinha aqui jantar co-
| migo desejo saber se vem | ou se esqueceuse com | o lindo sermão de São
Francisco. || Tenho estado muito saudoso | pois a 3 dias que não | te vejo e ao mesmo
tempo um | pouco zangado pois me parece | que não te lembra mais de mim ||
Responde pelo portador se sim | ou não. || Sempre || [Delmiro].

Título: CARTA 2

Modalidade: Língua Escrita

Tipo de texto: Carta

Data do documento: 23 jun. 1902

Local de origem do documento: Recife - PE

Local de depósito do documento: Museu Regional Delmiro Gouveia - AL

Identificação do autor: Delmiro Augusto da Cruz Gouveia

Editor do documento: Ailton Gabriel Santos Rocha

Recife, 23/6/902 || Meu coração || Tenho de ontem para | hoje recebido tuas du- | as
cartinhas que me | enchem de satisfação | por estar respondendo a ambas. Eu tenho
passa- | do bem de saúde porém | muito preocupado, em | pensar que estás expos- |
ta a um tão grande | perigo, como o que su- | cedeu a teu irmão. || A prova de que não
es- | queço me de ti um | só momento é que to- | das as vezes que posso | passo por
ahi afim | de ao menos de longe | poder verte, pois em- | bora traga no | coração a tua
imagem para o | consolar preciso embora | de longe devisarte, está | muito
ligeiramente dito | algumas palavras amoro- | sas esta está muito lon- | ge do que sinto
e do que | dizerte porém como tu | mesmo previas, eu tenho re- | ceio de expandir
todos os | meus sentimentos, pois | minhas cartas podem | cair em mãos de outros, |
e de futuro me trazerem | desgostos, esta tu tens que | me devolver na pri- | meira

oportunidade. || Beija aqui aonde eu || ponho o meu nome que || eu tenho feito o mesmo. Teu || [Delmiro]

Título: CARTA 3

Modalidade: Língua Escrita

Tipo de texto: Carta

Data do documento: jun. 1902

Local de origem do documento: *não consta*

Local de depósito do documento: Museu Regional Delmiro Gouveia - AL

Identificação do autor: Delmiro Augusto da Cruz Gouveia

Editor do documento: Ailton Gabriel Santos Rocha

Minha boa Eulina || Vi a carta que escreveu a sua mãe, você não tem razão de | se molestar tanto o que eu disse em minha carta só é | para o seu bem, e fui franco pelo desejo que tenho em | lhe ver feliz, porém por tão pouco você diz não poder | mais nem olhar para mim, quer fazer – paciência, porém | eu sempre olharei por você e farei tuito pela sua | felicidade. || Seu amigo sinceramente || [Delmiro] [ilegível.] 4\902

Título: CARTA 4

Modalidade: Língua Escrita

Tipo de texto: Carta

Data do documento: *não consta*

Local de origem do documento: *não consta*

Local de depósito do documento: Museu Regional Delmiro Gouveia - AL

Identificação do autor: Delmiro Augusto da Cruz Gouveia

Editor do documento: Ailton Gabriel Santos Rocha

Cara e boa amiguinha || Desejo saber se vem hoje jantar comigo, queira | dar-me suas notícias e que sejam alegres. || Deseja-lhe o amigo || [Delmiro Gouveia]

Título: CARTA 5

Modalidade: Língua Escrita

Tipo de texto: Carta

Data do documento: 15 abr. 1902

Local de origem do documento: *não consta*

Local de depósito do documento: Museu Regional Delmiro Gouveia - AL

Identificação do autor: Delmiro Augusto da Cruz Gouveia

Editor do documento: Ailton Gabriel Santos Rocha

Cara Amiguinha || Envio-lhe estas fl - | ores para servirem de orna - | mento a festa de outra flor, | e como lembrança do amigo | que só lhe deseja felici - | dades || [Delmiro Gouveia] || 15/04/902

Título: CARTA 6
Modalidade: Língua Escrita
Tipo de texto: Carta
Data do documento: *não consta*
Local de origem do documento: *não consta*
Local de depósito do documento: Museu Regional Delmiro Gouveia - AL
Identificação do autor: Delmiro Augusto da Cruz Gouveia
Editor do documento: Ailton Gabriel Santos Rocha

Minha Eulina || Manda me dizer se vem, estou com muitas saudades, | se vieres como desejo manda me dizer a hora e vem | com sua ternura e não com meninice. ||
 Lembrança || [Delmiro]

Título: CARTA 7
Modalidade: Língua Escrita
Tipo de texto: Carta
Data do documento: 19 jun. 1914
Local de origem do documento: Maceió - AL
Local de depósito do documento: *Não Consta*
Identificação do autor: Delmiro Augusto da Cruz Gouveia
Editor do documento: Ailton Gabriel Santos Rocha

Illmo. Snr. Coronel Clodoaldo da Fonseca, digno Governador do Estado de Alagoas.
 || Delmiro Gouveia, tendo feito a estrada para automóveis dos limites | do Estado da Bahia até Sant'Anna do Ipanema, de conformidade com os | telegramas trocados com V. Excia. e publicados no "Diario Offici- | al" de 31 de Março e 1,4 e 5 de Abril do anno corrente, cujo trecho | de caminho foi percorrido em auto em companhia de vossos dignos | auxiliares Dr. Ignacio Uchôa de A. Sarmiento, secretario da Agricul- | tura e Engenheiro José Antonio Marques, fazendo este percurso com a | media de 7 leguas por hora, requer a V. Excia. o pagamento do auxi- | lio de Rs. 10.000\$000 (dez contos de réis) a que se julga com di- | reito. || P. deferimento || Maceió 19 de junho de || 1914
 || [Delmiro Gouveia]

Título: CARTA 8
Modalidade: Língua Escrita
Tipo de texto: Carta
Data do documento: 5 abr. 1913
Local de origem do documento:
Local de depósito do documento:
Identificação do autor: Delmiro Augusto da Cruz Gouveia
Editor do documento: Ailton Gabriel Santos Rocha

Illm: Exm: Dr. JOAO de AQUINO RIBEIRO || Mui digno Secretario do Interior || Maceio´
 || Cumprimento-vos.|| Chego neste momento dos meus labores, nos quaes estive
 empe- | nhado na Cachoeira durante toda esta semana; e, como quero despachar
 com | urgência o portador, deixo de ser minucioso, apenas vos narrando ligei- |
 ramente o que me demove a esta. || Para que não vos faça confusão de que, estando
 eu ausente, re- | cebais telegramas meus passados daqui, vos explico que
 comunicamos | da Cachoeira para o nosso escriptorio por meio do telefone da nossa
 | linha particular. || Succintamente descrevo o occorrido: || Chegando o Tenente
 Andrade a Agua Branca, passei-lhe o tele- | gramma seguinte: --“Motivos imperiosos
 impossibilitam-se visitar-vos | “pessoalmente; faço-o por meio deste pondo meus
 préstimos á vossa | “disposição, “- e, no outro dia, tive em nossa casa a visita desse |
 official que me causou boa impressão e entramos em detalhes sobre o | assumpto da
 comissão a que vinha. || Tendo ele mostrado grande interesse em conseguir a arma
 do | soldado assassinado, prontifiquei-me a procurar saber onde ella paira- | va, pois
 aqui no sertão uma pessoa de alguma importância social e que | mereça confiança de
 lealdade póde saber de todas as occurencias.| Até falei-lhe na possibilidade da
 captura dos assassinos, uma vez des- | cobertos,e, de serem no julgamento atendidas
 certas atenuantes, etc.etc. || Fiz-lhe sciente do estado anormal em que estava o
 Municipio, | oonde eram autoridades indivíduos conhecidos por ladrões de cavallos |
 pronunciados,e, entreguei-lhe um telegramma do Delegado de Policia da | Aguas
 Bellas pedindo a captura de Sebastião Bezerra, vulgo Dodô Caval- | canti que exercia
 o lugar de Inspector de Quarteirão na Varzea do Pico|| O Tenente Andrade voltou á
 villa de Agua Branca e dois dias | depois fui intimado com os meus criados a ir depor,
 sendo me apresen- | tado o mandato pelo Official de Justiça. – (Doc.n: 1) || O que se
 passou na audiência já vos fiz sciente, e até hoje | não tomaram por escripto o
 depoimento das testemunhas que mandaram | citar para tal, apesar de ter o Exm: Snr.
 Governador attendido minha | reclamação neste sentido, conforme vos dignastes
 comunicar-me. || No dia 31 de Março dirigi ao Tenente Andrade o telegramma | que
 transcrevo: --“Tenho facto alguma importancia a comunicar-lhe” || “si fosse possivel
 conferenciar commigo aqui hoje, ou amanhã || “por diante na Cachoeira haveria
 resultado utilidade para sua || “comissão. Saudações,”- tendo do mesmo recebido a
 resposta te- | legraphica que copio:--“Missão aqui priva-me pode chegar ahi confe- ||
 “renciar. Sabendo qualquer acto atinente caso podeis confiar || “por escripto certo de
 que só farei publico sobre vossa ordem. || “Saudações.” (Doc.n:2) || A este despache

repliquei conforme vereis da copia da carta | anexa. (Doc.n: 3) || De facto as minhas
 pesquisas tinham dado bom resultado, que | felizmente não revelei pois seria tido
 como miserável trahidor, uma | vez que não encontraria a lealdade precisa por parte
 da pessoa a quem | ia relatar. || E´claro que para eu obter. Em um caso como este,
 certos escla- | recimentos tenho que usar de outros meios que não os de surra a chi-|
 cote como fez o Tenente Andrade ao portador desta. E, si alguém em | confiança relata
 certos factos precisa-se usar deles com a lealdade | empenhada. || Estavam as cousas
 nesse pé quando ás horas caladas da noite | prenderam o portador por denuncia de
 uma autoridade sua inimiga, e que | é um refinado ladrão, ao qual depois deram
 escapúla. || A ex-criada que insinuaram e que está sequestrada pelo Juiz, | é uma
 menor de 13 annos; requeri para ser | acareado em ella eu e ou- | tras testemunhas e
 tudo ficou como os depoimentos sem ser tomado por | escripto uma vez que não
 convem esclarecer a Justiça. || Aqui no Municipio não se quer anda esclarecido e sim
 contar | com o apoio da força publica para tomar desforras de imaginários de- |
 sacatos. || N^o próximo mez, si for vivo, pretendo vos visitar e pessoal- | mente vos
 esclarecerei. || Estou certo que o Exm: Snr. Coronel Clodoaldo da Fonseca, ||
 Governador do Estado, não organizou uma força militar para esta cortar | á chicote,
 como vos certificareis vendo as costas do portador. O mês-| mo vos dirá as
 amabilidades que me mandou dizer o Snr. Tenente Andra- | de:e, confiado que se
 faça a justiça merecida, é que alinhavo esta man- | dando o portador á vossa
 presença. || Subscrevo-me com toda estima e consideração||
 [ilegível] || [Delmiro Gouveia] || P.S. Peço-vos ler as copias juntas do que troquei com
 o Tenente Andrade e | apreciar a fita que fizeram com o tronco que foi sugerida por
 mim e | depois de queimado o tronco veio a chicote.

ANEXO II
TABELAS DE CATALOGAÇÃO DOS DADOS

CARTA 1	
Fonte/Cota	MUSEU REGIONAL DELMIRO GOUVEIA - AL
Referência	<i>Não consta</i>
Espécie / Gênero	Carta
Descrição / Conteúdo	Carta de Delmiro Gouveia à uma amada, questionando se esta não lembra mais dele.
Data /Edição	<i>Não consta</i>

CARTA 2	
Fonte/Cota	MUSEU REGIONAL DELMIRO GOUVEIA – AL
Referência	<i>Não consta</i>
Espécie / Gênero	Carta
Descrição / Conteúdo	Carta de Delmiro Gouveia à uma amada, em resposta a duas outras cartas recebidas.
Data /Edição	23 jun. 1902

CARTA 3	
Fonte/Cota	MUSEU REGIONAL DELMIRO GOUVEIA – AL
Referência	<i>Não consta</i>
Espécie / Gênero	Carta
Descrição / Conteúdo	Carta de Delmiro Gouveia à Eulina, sua futura esposa, em resposta à uma carta de Eulina para sua mãe.
Data /Edição	1902

CARTA 4	
Fonte/Cota	MUSEU REGIONAL DELMIRO GOUVEIA – AL
Referência	<i>Não consta</i>
Espécie / Gênero	Carta
Descrição / Conteúdo	Carta de Delmiro Gouveia à uma amiga não identificada, convidando-a para jantar.
Data /Edição	<i>Não consta</i>

CARTA 5	
Fonte/Cota	MUSEU REGIONAL DELMIRO GOUVEIA – AL
Referência	<i>Não consta</i>
Espécie / Gênero	Carta
Descrição / Conteúdo	Carta de Delmiro Gouveia à uma amiga não identificada, enviada junto com flores.
Data /Edição	15 abr. 1902

CARTA 6	
Fonte/Cota	MUSEU REGIONAL DELMIRO GOUVEIA – AL
Referência	<i>Não consta</i>
Espécie / Gênero	Carta
Descrição / Conteúdo	Carta de Delmiro Gouveia à Eulina, sua futura esposa, perguntando se esta vem o visitar
Data /Edição	<i>Não consta</i>

CARTA 7	
Fonte/Cota	<i>Não consta</i>
Referência	<i>Não consta</i>
Espécie / Gênero	Carta
Descrição / Conteúdo	CARTA de Delmiro Gouveia ao governador do estado pedindo ressarcimento do valor investido na construção de uma estrada.
Data /Edição	19 Jun. 1914

CARTA 8	
Fonte/Cota	<i>Não consta</i>
Referência	<i>Não consta</i>
Espécie / Gênero	Carta
Descrição / Conteúdo	Carta escrita por Delmiro Gouveia ao secretário de interior de Maceió e entregue por um portador.
Data /Edição	5 abr. 1913